



## **Fazer rir... a que preço? Desrespeito e comercialização da liberdade infantil<sup>1</sup>**

Vânia Lúcia Quintão Carneiro<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### **Resumo**

Busca-se compreender a participação de crianças, em programas de TV voltado ao grande público, especificamente da menina Maísa. Analisa-se, aqui, o mecanismo de entretenimento usado em programas de auditório, bem como o que se solicitava ou se exigia da interlocutora-mirim e em que condições. Parte-se da observação de trechos do programa que circularam no YouTube, e que refletiam, a princípio, a imagem de uma menina inteligente, que faz rir; e, dos últimos e constrangedores episódios da menina que chora. Evidenciou-se que o mecanismo de produção do riso, evocava brincadeiras infantis com bonecos de molas ou cordas. Por meio de tais procedimentos, o competente apresentador, transformava em “comédia/grotesco” qualquer situação real, ainda que dolorosa e desrespeitosa à criança, desde que atendessem aos interesses mercantilistas da emissora, medidos pelos índices de audiência

**Palavras-chave:** mídia; infância; humor; desrespeito; liberdade;

### **Introdução**

O SBT estreou em 3 de agosto de 2008, no programa Silvio Santos, o quadro “Pergunte a Maísa”, em que o experiente apresentador Sílvio Santos entrevistava Maísa, uma criança de seis anos, apresentadora-mirin dessa emissora – sucesso também no YouTube.

Em 18 de janeiro de 2009, o programa Sílvio Santos alcançou o segundo lugar de audiência, fato atribuído à participação da menina Maísa. Neste mesmo dia, o “Domingo animado”, apresentado pela menina, alcançara o mais alto índice de audiência das emissoras brasileiras, feito este já antecipado nas duas atrações apresentadas pela menina: o “Sábado animado” e o “Bom dia Cia.”, exibidos de segunda à sexta, em que esta substituíra seus dois apresentadores oficiais, Yudi e Priscila, de férias na ocasião. (LOBÃO, 2009)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília FE-UNB, email: [vania@unb.br](mailto:vania@unb.br)



O quadro “Pergunte a Máisa”, entretanto, foi retirado do ar, no dia 25 de maio de 2009, por decisão da justiça, e o apresentador acusado por órgãos públicos – Ministério da Justiça, Ministério Público Federal, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente e Juizado da Infância e da Juventude de Osasco, – de exploração do trabalho infantil e de graves constrangimentos morais e públicos à criança, nos dias 10 e 17 de maio por atitudes que desrespeitavam seu direito à dignidade..

Em 8 de junho de 2009, entrevistado pela equipe “Pânico”, o apresentador alegou que o problema estava em “não saber brincar com criança”, por sempre ter brincado com criança “como se fosse adulto”, de “igual para igual”. Este argumento torna invisível a criança enquanto tal, ao igualar, equivocadamente, crianças e adultos, além de encobrir a diferença de papéis e a desigualdade de poderes, e camuflar, também, a irresponsabilidade do apresentador da atração e proprietário da emissora. Esse mesmo argumento, de não diferenciação entre criança e adulto, pode ser útil, da mesma forma, às empresas de televisão, para que não assumam suas responsabilidades com a função educativa nas produções assistidas pelo público infantil.

Define-se, aqui, “infância” não como um “estado natural de inocência”, mas como construção histórica e categoria cultural e política que tem consequências práticas em relação ao modo dos adultos de “pensar nas crianças”, e também quanto à forma de as crianças se verem (GIROUX, 2003, p. 16).

Pesquisas revelam que a participação de crianças em programas de TV atrai audiências infantis. Às crianças agrada ouvir o que pensam e sentem outras crianças (JEMPSON, 2002, p. 130). Acrescenta David (2002, p. 39): “a participação da criança na mídia pode fornecer uma imagem positiva do papel da criança”, não limitado à proteção. Além disso, programas de audiência familiar constituem referência importante na concepção de infância e do papel dos adultos em relação às crianças, principalmente, no caso de grandes segmentos da população, cujas fontes de informação e diversão restringem-se, quase que unicamente, à televisão gratuita. Observa Felitzen (2002, p. 25), que, embora o público de TV não seja passivo às “construções da mídia”, estas influenciam a formação das “noções dos adultos sobre as crianças”.

A convenção da ONU sobre os direitos da criança (1989) reconhece seu direito de acesso à informação, proteção e participação. Preconiza o direito da criança de ter sua



opinião considerada em todos os assuntos que a afetam, de acordo com sua maturidade e idade (artigo12); ressalta o direito à liberdade de expressão (artigo13) e de participação no acesso à informação, bem como à proteção de informações e materiais prejudiciais ao seu bem estar, além da produção e difusão de informações (artigo 17).

Este reconhecimento legal de novos direitos das crianças, antes restrito à proteção, pressupõe que a mídia assuma suas responsabilidades sociais e valorize as práticas de expressão e participação na mídia por parte de crianças e adolescentes, visto que são sujeitos em formação, respeitando-lhes o direito à dignidade. Espera-se que as inovações promovam representações mais positivas das crianças na mídia, distintas das que se observam nos canais comerciais, onde predominam imagens de “sorridentes crianças-propaganda “ou das sofridas vítimas de maltrato e de crimes hediondos”. Faz-se necessário, ainda, que, além de vistas, as crianças sejam também ouvidas: “(...) não só são raramente vistas como também suas vozes são raramente ouvidas” (FEILITZEN, 2002, p. 22).

Análises de experiências de produção de mídia, por parte de crianças e adolescentes, mostram que a participação criativa destes fortalece-os, aumenta sua auto-estima e a compreensão da sua e de outras culturas. Isso tem evidenciado a necessidade de que, ao lado do esforço para a oferta de programas infantis com conteúdos de qualidade, deve haver espaços para que as crianças participem, falem por si mesmas, com suas palavras, e que suas imagens infundam respeito e dignidade. (CARLSSON & FEILITZEN, 2002; CARNEIRO, 2005; ROCHE, 2000)

Buscamos no ensaio de Bergson (2007) uma conceituação do significado da comicidade e aportes para a análise de situações selecionadas, visando conhecer os mecanismos da produção do riso. A comédia, segundo Bergson (2007, p. 50), é uma brincadeira que imita a vida. Daí, sugerir que “se nas brincadeiras da criança” manipulam-se bonecos e fantoches por meio de cordões, “não serão esses mesmos cordões que devemos reencontrar (...)nos fios que interligam as situações de comédia?”. Também recorreremos ao estudo de Rocco sobre pseudo-diálogos em programas do Silvio Santos de 1989.

Considerando que a repercussão inicial do quadro “Pergunte a Maísa”, na rede *web*, parecia revelar uma representação da criança como inteligente, esperta e divertida, ao passo que os últimos quadros revelaram uma criança sofrendo graves constrangimentos



públicos que obrigaram a atração a sair do ar, indaga-se:– Seria o quadro “Pergunte a Maísa” um espaço favorável ao desenvolvimento e à participação ativa da criança? Por se tratar de um programa de entretenimento que tinha a função de divertir, como a criança participava da produção do riso? E em que condições?

Para responder a essas questões, foram selecionados os segmentos de alguns programas veiculados; a) Dia da estréia, 3 de agosto de 2008, em que ela disse: “Ele errou!”;

b) Dia 26 de setembro de 2008, em que Maísa diz: “Vaca é sua mãe, Silvio!”; c) Dia 16 de novembro de 2008, em que a menina pergunta: “Você usa Peruca?”.

Acrescentamos segmentos do dia 18 de janeiro de 2009, devido ao registro do mais alto índice de audiência da atração, e relatos dos últimos programas: d) “Silvio Santos tranca Maísa dentro da Mala!” (10 maio 2009); e) “Silvio Santos faz Maísa chorar” (10 maio 2009); f) “Silvio Santos faz Maísa chorar outra vez!” (17 maio 2009).

O artigo está organizado em três partes. A primeira intitulada “*A menina inteligente que brinca com um boneco*” em que se analisam os segmentos dos programas a, b e c e do dia 18 de janeiro de 2009. Na segunda parte, “*A boneca que tem medo e chora*”, analisam-se os segmentos dos últimos programas. Em “*Considerações finais*”, confrontam-se as duas primeiras partes.

Neste trabalho pretende-se analisar a participação da criança Maísa em um programa de entretenimento destinado ao grande público, numa busca de desvendar quando funcionava a “brincadeira” e o lúdico, e a partir de quando começava o desrespeito à liberdade infantil.

## **1. A menina inteligente que brinca com um boneco**

Após a estréia do “Pergunte a Maísa”, no Programa do Silvio Santos, passaram a circular no YouTube, clipes de episódios da nova atração, junto aos de atuações da menina à frente de outros programas da mesma emissora (“Sábado Animado” e “Domingo Animado”). A repercussão – apesar de críticas a aspectos comerciais e caricatos – parecia, neste primeiro momento, reverenciar não apenas a menina inteligente, divertida, que fazia rir de suas gafes e de suas respostas espontâneas (fabricadas ou não), mas, sobretudo, sua irreverência diante de um apresentador consagrado, hábil, experiente, poderoso: o dono da emissora. Apelidada ambigualmente de “petiz”, “Maísa Robô” e “Malisa”, a imagem da menina esperta provocava o riso e



uma avalanche na audiência de outras emissoras. A interlocutora, criança de 6 anos, parecia deter o “papel” de tomar a palavra, interromper e replicar.

O estudo de Rocco (1989) sobre os diálogos em quadros do programa “Silvio Santos”, que os revelara pseudo-diálogos, discurso autoritário e sem ludicidade, parecia não se aplicar ao programa com Maísa, uma vez que os interlocutores da década de 80 não tinham condição de interrompê-lo e pedir-lhe a palavra, ao contrário da atração atual, em que o título do quadro já autorizava à interlocutora a posse da palavra com seu toque de humor.

Como se dava essa participação de Maísa na produção do riso nestes programas? Até que ponto o programa transmitia uma imagem positiva de respeito e dignidade?

Considerando que os clipes sobre o quadro apresentavam, predominantemente, situações em que um “todo poderoso apresentador” era desafiado por uma criança de 6 anos, até que ponto ele poderia ser interpretado como um boneco cujos cordões a menina controlava? Ou seria o contrário?

O fato de os internautas e telespectadores darem a impressão de estar do lado da menina esperta reforça a primeira ideia: os espectadores viam o apresentador como boneco. Como explica Bergson (2007, p. 57), seja por instinto natural ou por imaginação, todo mundo prefere “enganar a ser enganado, é do lado dos espertos que o espectador se põe”.

### **1.1 Maísa diz: “Ele errou!”**

A análise da situação que provocou o riso logo na estreia (3 de agosto de 2009) evidencia o uso de um dos procedimentos que Bergson (2007, p. 69) destacou como o de “inversão”, em que as personagens invertem-se, trocam-se os papéis.

A “brincadeira” consistia em que a menina de 6 anos respondesse ao astuto e experiente apresentador o que determinada palavra lembrava-lhe. O bloco transcorreu com a menina respondendo mecanicamente, como um adulto, até que foi dita a palavra “ovo”, pronunciada “óvo” pelo apresentador: “(...) Dinheiro? Riqueza! Cachorro? Brincadeira! Namorado? Amor! Óvo? (...)” Apesar da expectativa de Maísa não saber a resposta e errar, o que levaria a pensar que a menina, afinal, tinha apenas seis anos, foi o experiente apresentador que errou ao pronunciar “óvo” invertendo a expectativa. A



menina riu do erro, zombou do apresentador, respondeu: “omelete!” e comemorou a façanha com uma frase feita que prolongou o riso: “Sô chique, beim” – embora soasse como uma espontaneidade produzida

Fica evidente a inversão, visto o próprio formato do quadro, em que uma criança de seis anos responde a perguntas sobre as quais sequer se colocou, elaboradas por adultos, como se fosse um deles. Está presente, ainda, a ambiguidade da “personagem criança” de seis anos, cujas vestes de crianças de tempos antigos evocam o mito Shirley Temple de menina prodígio, em contraposição a uma aura de “inocência” que torna ainda mais surpreendentes as respostas e atitudes adultas dessa criança angelical.

### 1.2 Maísa diz: “Vaca é sua Mãe, Silvio!”

Examinando no programa do dia 26 de outubro de 2008 a sequência em que foi pronunciado o “Vaca é sua Mãe”, observa-se que há também um conflito entre duas obstinações e com esta fala a menina parece vencer o jogo e se diverte.

Silvio Santos	Maísa	Auditório
(...) a gente fala é da boi.	- É da vaca, gente! Não é verdade que vaca é mulher e touro é homem?	- É!!!
- Não me vem chamar de touro. Não. Não. Touro não é homem. Touro não é homem.	- Tanto faz, né, gente? Tem qualquer um. Mas touro já é de homem. E vaca é de mulher	
- <i>Maísa, quer dizer que você é uma vaca?</i>	-	
- Você é uma vaca e eu sou o touro?	- Vaca...	
- É. Você falou.	- Vaca??? É sua mãe, Silvio. Sua mãe!!!	

Fonte: Vídeo YouTube<sup>3</sup>

Segundo lei enunciada por Bergson (2007, p. 54), os efeitos cômicos numa repetição de palavras no teatro devem-se à presença de dois termos: “um sentimento comprimido que se estira como uma mola e uma ideia que se diverte a comprimir de novo o sentimento”. Observa-se que apesar da palavra e da performance final serem da menina – o que pode passar a ideia de que a obstinação mecânica era a de Silvio que cedeu à da menina inteligente e esperta –, os diálogos parecem mostrar que Silvio Santos foi quem primeiro apertou uma mola ao insinuar que ela seria uma vaca: – “Maísa, quer dizer que você é uma vaca?”

<sup>3</sup> Ver vídeo postado por Bianca Jennifer. Disponível em < <http://www.youtube.com/watch?v=kROGTDVIX-0&feature=related>> Acesso em: 10 abril 2009.



Neste mesmo programa, em outro diálogo em que aparece o recurso da repetição, Silvio, que insiste em mostrar a menina Maísa, como uma mercadoria, comprada por 35 mil reais de um devedor, diverte-se com a ideia de reduzi-la a um produto, para que o sentimento comprimido possa estirar-se. Mas, ao que parece, ao ser comprimido de forma tão vil, o sentimento fragilizou-se, perdeu a força da obstinação: a menina duvida, recua, pede ajuda ao auditório, debate, mas não consegue estirar-se, embora tente, forçosamente, fazer-se de contente e dar a volta por cima.

<b>Silvio Santos</b>	<b>Maisa</b>	<b>Auditório</b>
Quantos anos você tinha quando começou no Raul Gil? Não posso falar Raul Gil.	Acabou de falar!	
Mas quantos você tinha quando foi ao Raul Gil?	Acabou de falar!	
Mas quantos você tinha quando foi naquele programa da Rouge?	(mostra 3 anos)	
Três anos. Agora você tem 8, né? Oito anos?	Seis	
Você tem só seis. Parece que tem mais. Posso continuar? Por que você foi àquele programa?	Porque na época eles tinham um concurso, aí eu passei. Aí fiquei lá (...). Aí agora você me chamou e eu vim para seu programa.	
Eu não te chamei. Não.	O SBT, então.	
Não. Você tem que saber a história verdadeira. É que o Raul Gil me devia 35 mil reais. Como ele não tinha dinheiro para pagar ele mandou você.	Gente, até parece. Até parece.	
Eu comprei você por 35 mil reais.	Comprou?	
Você agora é propriedade minha.	Gente, você acha que pessoa deve ser comprada?	Não!
Mas você foi comprada.	Comprada... Eu sou da minha mãe e do meu pai.	
Era. Era da sua mãe e do seu pai.	Eu sou.	
Era.	Sou.	
Eu comprei você.	Comprou não.	
Sim, senhora.	Mas você não é meu pai.	
Eu nem quero ser pai de menina peralta como você.	Peralta: que é isso?	
Peralta que tem perna alta.	Então, eu tenho perna alta? Tenho?	Não tem!

Fonte: Vídeo YouTube<sup>4</sup>

### 1.3 “Você usa peruca?”

No programa do dia 16 de novembro de 2008, um diálogo é iniciado pela menina com uma pergunta sobre o uso de peruca, que apesar do caráter de “pergunta plantada”, de

<sup>4</sup> Ibidem



espontaneidade duvidosa, num primeiro momento parece reforçar a posição da menina esperta, que desafia e vence o Silvio Santos.

<b>Silvio Santos</b>	<b>Maísa</b>
	Silvio, uma pergunta que meus amigos fazem: é verdade que você vai ao cabeleireiro e que é um tipo de peruca que você bota no cabelo, assim?
Você tem alguma coisa a ver com o meu cabelo?"	Eh!!! ele respondeu sim.

Fonte: YouTube<sup>5</sup>

Pelo desenrolar do programa, esta pergunta pode parecer uma simples “concessão” ou “pretexto” para justificar o ataque que se seguiria em forma de monólogo:

<b>Silvio Santos</b>	<b>Maísa</b>	<b>Auditório</b>
Maísa, fiquei vendo seu programa quando você começou a sua carreira... Você era muito ruim, feia, desajeitada. A roupa era feia, o cabelo era feio. Você agora é toda bonita, toda simpática, sorridente, inteligente. É só insubordinada, o resto melhorou muito. O que você espera fazer daqui a dois ou três anos, quando o público não der mais bola para você? Porque agora você agrada o público, você é uma menininha de seis anos que responde como gente grande. Mas, daqui a uns quatro anos, quando você tiver dez anos e já for uma mocinha, você acha que o público vai gostar de você? Você não acha que isso vai ser um trauma para você? Você sabe o que é trauma?		
Não. Por que você fez esta cara triste se não vai ser um trauma?		
Ha!Ha!Ha!	Ha!Ha!Ha!	

Fonte: Vídeo do Youtube<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Ver vídeo postado por Robson Olindo Disponível em <  
<http://www.youtube.com/watch?v=Pk1OQI3yTLI&feature=related>> Acesso em: 8 de jun. 2009

<sup>6</sup> ibidem





A resposta silenciosa da menina não foi ouvida; o que ecoou foi a imitação do riso forçado que aprendera com o mentor, a sinalização de que o “*show* deveria continuar”. O apresentador parecia ter diante de si não uma pessoa, muito menos em formação, mas um uma boneca descartável, um produto de consumo não durável, pelo qual pagara 35 mil reais, que lhe rendiam altos índices de audiência, com um prazo de validade, no entanto, prestes a expirar, dentro de 2 ou 3 anos. E continuava a insistir em perguntar à criança sobre o futuro que, já predissera, seria traumático: “*O que você espera fazer daqui a dois ou três anos, quando o público não der mais bola para você?*”

Embora a criança respondesse com silêncio, ele não a ouvia e reelaborava a mesma pergunta: “*Quando você tiver 10 anos, aí, você não vai ser mais uma curiosidade, uma atração. O que pretende fazer da sua vida?*”

A menina tentou em vão mudar o assunto, mas não foi ouvida. O apresentador continuava a insistir, autoritariamente, a forçar, insensivelmente, obrigando-a a discutir um assunto que, não apenas não lhe interessava como a perturbava, fazendo-a temer pelo seu futuro, seu desenvolvimento, pelo vir a ser adulta de fato.

Neste quadro, “Pergunte a Maísa”, não havia diálogo. O apresentador detinha autoritariamente a orientação temática e a condução do diálogo, o que o aproximava de outros “diálogos” estudados por Rocco (1989, p. 181), permitindo asseverar que era, na verdade, uma “simulação” de diálogo. E, o que é pior: desrespeitava o direitos da criança à proteção, expressão e participação digna na mídia.

## **2. A boneca que tem medo e chora**

Passaram a circular, depois dos programas dos dias 10 e 17 de maio de 2009, uma variedade de clipes com os títulos relacionados a choro, grito, medo ou dor, vivenciados por Maísa em 3 episódios constrangedores a que foi submetida nesses dois programas: Maísa dentro da mala, Maísa chorando, Maísa bate a cabeça e sai chorando, Maísa chorando e gritando no palco, Maísa chorando de novo.

A novidade maior foi o choro de Maísa. Apesar de todas as situações por que passara, não havia ainda chorado; demonstrara tristeza, frustração, mas parecia uma menina de bem com a vida, feliz, encantadora. Parecia já ter aprendido algumas lições sobre o sorriso forçado, falso/fingido (Ha, ha!), sinalizando que o *show* deve continuar, embora o mesmo não ocorresse em relação a técnicas de fingir chorar utilizadas por atores.



Numa das tentativas de fazê-la chorar na TV “para ser atriz”, sugeriram que ela pensasse em seu cachorro que morreu, “eu nem gostava do cachorro”, respondeu. Silvio replicou: “Você não consegue (chorar) nem pensando no cachorro que morre!?” (2/11/09) Este cachorro seria novamente lembrado pelo Silvio em outro programa para acusá-la: “Você matou o cachorro!” Ela se defende: “Não matei! ele foi atropelado!” (18/01/09)

O desafio dos produtores de programas de auditórios é a “*produção da espontaneidade*” que exige saber produzir e manter a emoção. (MIRA S/d, p.189)

Daí que a condição infantil de Maísa parecia ter sido explorada de todos os modos, para produzir emoção, não importava se desrespeitando os sentimentos da criança, seus direitos, seus medos, sua dor, seus pontos fracos, desconhecimentos, erros, fragilidade.

Os temas de adulto eram insistentemente perguntados em questões relacionadas a sexo, dinheiro. Como, por exemplo, o que é: ginecologista, beijo, dinheiro, salário, nota violenta, ciúme, enamorar, desodorante, pagamentos. Ou: “Você tem namorado?”; “O que os namorados fazem juntos?” (18/01/09). As respostas eram interpretadas do ponto de vista do adulto, o que significava uma abordagem da participação da criança na mídia contrária às recomendações favoráveis como indicam as pesquisas de McCrum e Hughes (1998 *apud* JEMPSON, 2002, p. 120-121). A exploração do seu trabalho não era novidade: “Estou cobrindo as férias de Priscila e de Yuki. (...) Todo dia eu estou lá ralando” (25/01/ 2009). Mas o pior ainda estava por vir.

Os episódios a seguir dão visibilidade ao tratamento desrespeitoso, à falta de direito à liberdade e à dignidade que, de certo modo, já aconteciam em outro grau.

### **2.1 Silvio Santos tranca Maísa dentro da Mala!**

No programa do dia 10 de maio de 2009 assim que três crianças bailarinas convidadas de Maísa terminam a dança, ela se aproxima de uma mala que está aberta no meio do palco. Fica em pé, dentro da mala, sem acreditar que a menina Pitu coubera nela.. Silvio pergunta se ela acha que alguém cabe na mala. Ela tenta deitar dentro da mala, estimulada por Silvio, que se aproxima: “Quero ver você aí toda dentro da mala?” Receosa, ela pergunta: “Fechada?” Ele aproxima-se mais: “Entra na mala! Eu quero ver se vai conseguir”. Maísa, esperta, sai da mala e pede a uma das bailarinas para entrar.



Silvio Santos não deixa que a bailarina entre e insiste com Maísa para que ela entre na mala e mostre como se fosse viajar com o pai e a mãe. O apresentador aproxima-se mais para ajudá-la a ficar completamente dentro da mala. De repente, sem aviso, tenta fechar a mala. Ela se mexe incomodada e grita. Silvio Santos, divertindo-se, como se lidasse com uma boneca de mola, aperta a parte superior da mala, comprimindo-a para ela não saltar, enquanto puxava o fecho para trancá-la. “Deixa ela aí que eu me livro dela, e nunca mais”. Ela grita por socorro. Ele ignora seus gritos. Sorrindo, o dono do baú, assim como da “boneca”, vai empurrando a mala e a entrega para as meninas, ordenando que a despachem como uma mercadoria qualquer: “Pode levar, leva embora sua mala e ela também”.

Esta cena, apavorante para a criança Maísa, pode produzir o riso ao evocar o mecanismo da brincadeira de caixa de surpresas, que abriga um boneco de mola. Uma criança tenta tampar a mala e o boneco insiste em sair, e quanto mais o achata, mais alto ele pula. O que pode ser visto, segundo Bergson (p. 49), como o “conflito entre duas obstinações, das quais uma, puramente mecânica, acaba ordinariamente por ceder à outra, que com isso se diverte” (p. 49). Só que, no caso, o boneco não era material, nem era representado por uma atriz, era a própria menina Maísa, ao vivo.

## **2.2 Silvio Santos faz Maísa chorar**

Neste mesmo programa, após haver passado pela “experiência” de ser trancafiada dentro de uma mala, chorará, pela primeira vez, de pavor. Maísa aparece no palco apreensiva e chama Silvio Santos ao canto, para lhe contar de seu medo e pedir que o menino de máscara não seja chamado. Silvio dissimula: “Você está com medo?”; “Alguém te bateu?”. Ela, insegura, desconfiada, começa a chorar. Silvio Santos desrespeitando a confiança que a criança acabara de lhe depositar e ignorando o seu pedido, chama um menino que está com figurino e uma maquiagem de “monstro”, amedrontador para Maísa, que sai chorando, apavorada. O rapazinho entra sorrindo, mas, ao ouvir a menina gritando, nota-se em seu rosto um constrangimento.

O dono do baú, para provocar o riso deste drama pessoal da menina, por ele causado, sentencia que é tudo diversão/encenação e convoca todos ao riso: “Ela é muito engraçada!”; “Cadê a Maísa?”; “Ela fugiu”; “Essa Maísa não tem mais jeito”. Enquanto isso a menina, gritando histérica (“Não quero!”), revela-se ser ela própria, uma criança que tinha medo de máscara, pavor de menino monstro.

### 2.3 Silvio Santos faz Maísa chorar outra vez

Conseguido o choro no dia 10, que certamente significou elevação de índices de audiência – que se traduzem em faturamento –, o que importava no domingo seguinte era prolongar essa emoção.

A situação foi de constrangimento, crueldade, submissão, humilhação. Silvio diz não querer conversar com a garota: “Porque na semana passada você deu vexame, ficou chorando no palco como se fosse uma criancinha de um mês de idade”. Silvio qualificou de “vexame” o que acontecera no dia anterior. Comparou seu choro ao de um recém-nascido. Maísa pediu-lhe para não falar do choro. Silvio negou que estivesse falando do seu choro, para afirmar novamente que ela ficou chorando. E apesar de ela dizer, mais uma vez, que não gostava da temática, ele insistiu, culpando-a e atribuindo a seu choro um caráter de choro mecânico, de atriz: “*Você não gosta de chorar? Mas chora à toa. Você parece atriz de cinema. Você parece atriz de televisão: qualquer coisinha você chora.*” .Em programas anteriores ela havia revelado não ter competência artística para fingir chorar. Determinado a continuar falando do tema para vê-la chorar, habilmente, dissimula e fala do choro ao pedir a adesão do público: “Eu estou falando alguma coisa para ela chorar?” A menina explica que ficara magoada por ele dizer que ela havia chorado. Assim, chorando, inconsolavelmente, sai correndo em busca do colo da mãe, mas, ao passar pelas câmeras, bate a cabeça em uma delas e a dor física amplifica seu choro. Silvio Santos diz: “Coitada, ela machucou a cabeça”, para em seguida voltar a falar do choro reduzindo-o a uma questão de “banca de artista”. E incita o público a chamá-la de medrosa.

**Primeira volta:** Maísa volta ao palco; ainda ao som de “medrosa!” no fundo, ela retoma o palco; reclamando da dor, volta para pedir a seu patrão permissão para sair do palco: “posso ir lá para minha mãe?” Silvio tenta detê-la, mas dá a permissão. Num curto diálogo, ele diz: “Vem cá”, seis vezes; além de perguntar se iria voltar. Por sua vez, ela também demonstra sua obstinação em sair, insiste que quer a mãe, declara amá-lo: “Eu amo você”, usa o argumento da dor e o nome de Deus “*Ô Silvio, pelo amor de Deus, está doendo muito a minha cabeça*” .



**Segunda volta:** mais uma vez retoma o palco (pressionada pela mãe) para justificar-se perante o “seu patrão”: “*Ô Silvio, deixa eu esperar sarar, depois eu volto*”, e sai outra para os bastidores. Em sua ausência, mais uma vez Silvio Santos minimiza a complexidade do que vivenciava a menina, para caracterizar a situação como mera encrenca causada por uma “mulher encrenqueira”, escamoteando a *condição de criança*, o que lhe retira a responsabilidade sobre o acontecido: “(...) só briga, só briga. Que mulher encrenqueira!”

**Terceira volta:** Ao voltar ao seu patrão pela terceira vez, ainda se ouvia a voz de Silvio, ao fundo, apregoando impossibilidade de convivência matrimonial: “Que mulher encrenqueira! Quem vai querer casar com *esta mulher?*” Nesta terceira e última volta, novamente se justifica e se compromete a cumprir uma responsabilidade que, legalmente, uma criança livre não poderia ter: “*Silvio, meu Deus, tá doendo muito. Semana que vem eu gravo dois programas: este e o outro.*”

Apesar da crueldade, estas situações de dominação e sujeição de uma criança pelo astuto apresentador provocaram o riso. Como ensina Bergson (2007, p. 58), qualquer cena dramática pode transformar-se em comédia; basta “imaginar que a liberdade aparente encobre uma trama de cordões”. Bastava pensar nas idas e vindas da menina, neste último episódio, como movimento mecânico do ir e vir determinado pelos puxões dos cordões de um boneco pelo seu dono: “Vem cá Maísa!”; “Que menina engraçada!”; “Que mulher encrenqueira!”

Concluiu-se que o mecanismo de fazer rir, na verdade, não era exercido sobre uma boneca de mola e cordas, nem tampouco pela representação artística dessa boneca por uma atriz-mirim: tratava-se de tolher, comprimir a liberdade da criança de ser ela própria, de carne e osso, alegre, esperta, que sofre, chora e tem medo de careta.

### **Considerações Finais**

Para analisar a participação da menina Maísa, nos primeiros programas, observamos os trechos de clipes cuja repercussão na internet, por seus títulos, sugeriam uma imagem positiva da criança inteligente, esperta, divertida, que com voz própria parecia superar o hábil e consagrado apresentador. Num segundo momento, nos detivemos aos episódios que demonstravam o sofrimento de Maísa e seus constrangimentos públicos.

Com base na observação analítica do primeiro momento, foi possível encontrar situações de humilhação e dor nos programas, ainda que clipes de seus trechos



sugerissem o contrário; nos últimos programas, encontramos procedimentos de riso quando predominavam dor e constrangimento. É uma constante, nos dois momentos, riso e desrespeito à criança como sujeito em desenvolvimento e a seus direitos, Sobre o mecanismo de fazer rir, a obstinação da menina esperta, que respondia e agia como adulto às provocações do experiente e obstinado Silvio Santos, evoca a imagem de uma boneca cujo funcionamento mecânico, por cordas ou mola, era acionado pelo dono, que assim divertia. Mais grave é o fato de a criança não estar representando uma personagem de uma comédia: era ela mesma, mas sem ter consciência do papel que desempenhava ali e das interpretações adultas de suas falas espontâneas, afinal tinha 6 anos de idade, o que significa pouca experiência de vida. O apresentador, dono do baú, manipulava seu sentimento real, ora comprimindo-a como se fosse uma boneca de mola, ora puxando-a por uma corda como se fosse uma marionete de cordas, como se se tratasse de uma simples mecânica, de uma representação.

Portanto, além de revelar toda a sua habilidade como autor e diretor de teatro grotesco, também se mostrava um hábil ator, que conseguia disfarçar a manipulação real dos sentimentos da menina, ao utilizar desde expressões que poderiam sugerir tratar-se de encenação até o recurso de ter em mãos um papel que dizia ser o roteiro, o que levava o público a poder rir sem culpas e sem acusá-lo de desrespeito à menina: afinal tudo não passava de “brincadeira”, de uma “palhaçada” dos dois atores.

Os últimos episódios chamaram a atenção para o desgaste emocional, físico e moral da criança, a exploração do seu trabalho, que não tinha tanta visibilidade apesar de evidências. Por outro lado, fica claro que os pais e o dono do SBT não colocaram os interesses da criança em primeiro lugar, como preceituam os direitos universais da criança. Irresponsavelmente, transformaram-na em “um bem de consumo não durável”, o que parecia justificar o injustificável: a troca do direito à liberdade e de ser criança pelos índices de audiência.

Tais práticas de exploração das crianças suscitam respostas de autoridades e da sociedade para preservar os direitos de proteção às crianças, em quaisquer situações, bem como, seus direitos de acesso à informação e de participação na mídia de modo que lhes favoreçam.



## Referências

BERGSON, H. O riso: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo, Martins Fontes, 2007

CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. von (orgs.). (2002). A criança e a mídia: imagem, educação e participação. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO.

CARNEIRO, V. L. Q. (2005). A TV de crianças e adolescentes com câmara à mão. Comunicar (Huelva), Espanha, v. 1, n. 25, 2005.

DAVID, P. Os direitos da criança e a mídia: conciliando proteção e participação. IN: CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. von (orgs.). A criança e a mídia: imagem, educação e participação. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002

FEILITZEN, C. Von. Introdução: Educação para a mídia, participação infantil e democracia. IN: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia von (orgs.). A criança e a mídia: imagem, educação e participação. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002

GIROUX, H. A. La inocencia robada: juventud, multinacionales y política cultural. Madrid: Morata, 2003.

JEMPSON, M. Algumas idéias sobre o desenvolvimento de uma mídia favorável à criança. IN: CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. von (orgs.). A criança e a mídia: imagem, educação e participação. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

LOBÃO, D. D. (2009). Maísa conquista primeiro lugar no Ibope. Disponível em <<http://cultureba.com.br/2009/01/20/maisa-conquista-primeiro-lugar-no-ibope>> Acesso em: 10 jun. 2009

McCRUM, S.; HUGHES, L. Interviewing Children: A guide for Journalists and Others, Save the Children, 1998.

MIRA, M. C. Circo Eletrônico: Silvio Santos e o SBT. São Paulo: Loyola; Olho d'água. s/d

ROCCO, M. T. F. Linguagem Autoritária: televisão e persuasão. São Paulo, Brasiliense, 1989

ROCHE, M. L. de la; MARTIN-BARBERO, J.; RUEDA, Amanda. Los niños como audiencias. Santafé de Bogotá, Vinci, 2000.